

EVASÃO NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ALUNOS COTISTAS E NÃO-COTISTAS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

VELLOSO, Jacques* – UnB

CARDOSO, Claudete Batista – UnB

GT-11: Política da Educação Superior

Introdução

A evasão no ensino superior brasileiro, discutida na literatura desde há algumas décadas, geralmente tem sido estudada em instituições específicas. O presente estudo acompanha essa tendência geral, abordando a questão na Universidade de Brasília (UnB). No entanto, diferencia-se da maioria das pesquisas anteriores, pois compara índices de abandono entre estudantes cotistas e não-cotistas.

No contexto das políticas de ações afirmativas – que ganharam impulso no país após a conferência de Durban, em 2001 – a UnB adotou um sistema de cotas para negros em seus vestibulares. Nesse sistema, 20% das vagas são reservadas para candidatos que se auto-declarem negros; os demais competem pelo chamado sistema universal.

A implantação do sistema na universidade, em 2004, se deu mediante a aprovação do Plano de Metas para a Integração Social, Étnica e Racial na UnB, que pretende acompanhar o rendimento dos cotistas e as condições de sua permanência na instituição, entre outras dimensões de seu progresso acadêmico (Moura, 2003; Carvalho, 2005).¹ Um estudo sobre a evasão de cotistas e não-cotistas na UnB, além de seu eventual interesse para o conhecimento sobre o abandono no ensino superior brasileiro, pode também contribuir para aperfeiçoar o desenvolvimento do referido plano de metas.

A evasão de alunos cotistas tem implicações negativas para o sistema de cotas, que busca ampliar o contingente de negros na universidade. As vagas ociosas, que decorrem principalmente do abandono, são periodicamente disponibilizadas para preenchimento, em obediência ao que dispõe a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394 de 1996); tal processo ocorre mediante a publicação de editais de transferência facultativa, nos quais não há reserva de vagas. Assim, quando as vagas são

* Núcleo de Estudos para o Ensino Superior-NESUB & Faculdade de Educação/UnB.

¹ Apesar de o plano de metas se preocupar com a permanência dos alunos cotistas, não foram desenvolvidos novos programas específicos para essa população, além daqueles que já eram oferecidos a estudantes carentes da universidade (Cunha, 2006).

geradas pelo abandono de aluno cotistas, evidentemente diminuem os efeitos pretendidos pelo sistema de cotas.

O conceito de evasão na educação superior não é consensual entre os autores que vêm tratando da questão, o que provoca dificuldades de comparação e pode induzir a interpretações enganosas. Como lembra Ristoff (1999), parte da evasão que habitualmente é contabilizada pode significar apenas mobilidade estudantil, que não é necessariamente ruim, pois reflete mudanças de curso numa mesma instituição ou transferências para outra instituição, frequentemente relacionadas à insatisfação dos alunos com os cursos que seguiam, conduzindo-os à busca de uma nova carreira.

A mobilidade também tem outra faceta, embora menos freqüente. Como se sabe, em algumas instituições de educação superior (IES) um aluno pode ter mais de uma matrícula, seguindo dois cursos distintos e, portanto, a desistência de um deles corresponde de fato à mobilidade estudantil, mas não à evasão propriamente dita, embora em várias IES essa desistência seja contabilizada nas taxas de abandono. Em linha de raciocínio semelhante, e entendendo que a evasão diz respeito ao abandono definitivo da formação em nível superior, Paredes (1994) também assinala que os dados sobre o fenômeno costumam ser superestimados.

Os resultados de Silva Filho *et al.* (2007) sobre o abandono no ensino superior brasileiro contêm, em parte, o viés da superestimativa das taxas. Lidando com dados agregados do Inep, que não permitiam um acompanhamento de coortes, os autores calcularam diferenças de matrícula entre um ano e outro, subtraindo do ano inicial os concluintes e, do ano seguinte, os ingressantes. Obtiveram assim estimativas de taxas anuais de evasão entre 2000 e 2005. Essas estimativas, quando calculadas para o sistema de educação superior como um todo, não contabilizam a mobilidade estudantil entre cursos ou entre instituições. Para o sistema como um todo, a média das taxas de abandono no período foi de 22%, um valor que deve estar bem próximo da evasão real. Já quando as estimativas são feitas para subconjuntos do sistema – forma de organização acadêmica (universidades, centros universitários e faculdades) ou por categoria administrativa das IES, por exemplo – os índices estimados inevitavelmente incluem um componente de mobilidade estudantil, embora menor do que as taxas calculadas separadamente para cada curso, como habitualmente se faz.

Com efeito, os dados habitualmente disponíveis sobre o abandono na educação superior geralmente não distinguem entre mobilidade e evasão real. O presente estudo,

que compara taxas de abandono de estudantes cotistas e não-cotistas, pretende superar algumas dessas deficiências quanto às estatísticas sobre a evasão.

Objetivos do estudo

O estudo teve por finalidade analisar a evasão de estudantes que ingressaram na UnB pelo sistema de reserva de vagas e pelo sistema universal, em vestibulares de 2004 e de 2005.

Entre as perguntas para as quais se buscaram respostas, interessava saber: como se comparam as taxas de abandono dos que ingressaram em cada um desses dois sistemas de seleção? Como se comportam os índices de evasão conforme o rendimento nos cursos em que os alunos estavam matriculados? Esses índices, nas licenciaturas, são distintos dos registrados nos bacharelados? Entre cotistas, para os quais há dados confiáveis sobre suas características socioeconômicas, a situação de trabalho influi nas chances de abandono? No segmento dos cotistas, o amadurecimento quanto à escolha do curso tem efeitos sobre a evasão?

Considerações metodológicas

A população do estudo foi constituída pelos alunos que ingressaram na UnB no segundo semestre letivo de 2004 e de 2005. Os dados utilizados informavam sobre: o tipo de ingresso na universidade (sistema de cotas ou sistema universal); o curso freqüentado; as disciplinas seguidas e respectivas menções obtidas;² as formas de saída da universidade (formatura, abandono, mudança de curso, transferência, entre outras). As observações sobre as notas e sobre a evasão ou permanência na universidade abrangem o período que vai desde a época de ingresso até o segundo semestre letivo de 2006. Assim, para a coorte que ingressou em 2004, as menções em disciplinas se referem a cinco semestres; para a que começou em 2005, a três semestres. Entre estudantes cotistas, foram também utilizadas algumas informações extraídas do questionário sociocultural, preenchido pelos candidatos quando de sua inscrição no vestibular; entre estudantes que ingressaram pelo sistema universal, as taxas de resposta muito baixas não recomendaram o uso de dados do referido questionário.

² As menções têm os seguintes correspondentes numéricos: sem rendimento=0; rendimento inferior=1; rendimento médio-inferior=2; rendimento médio=3; rendimento médio-superior=4; rendimento superior=5. Os alunos no grupo de alto rendimento são os que obtiveram, nas disciplinas que seguiram, média acima da mediana das notas em seu curso; os demais estão no grupo de baixo rendimento.

A situação de trabalho refere-se à época em que estudante prestou vestibular e respondeu a questionário sociocultural, no qual se perguntou se exercia atividade remunerada. As respostas dos cotistas foram agregadas em três categorias: (a) não exercia nenhuma atividade remunerada naquele tempo; (b) trabalhava em período integral ou parcial; (c) trabalhava apenas eventualmente. No mesmo questionário indagou-se ao candidato como ele se considerava quanto ao curso escolhido. As categorias utilizadas seguiram as alternativas de resposta originais: (a) *absolutamente decidido*; (b) *com alguma dúvida* e (c) *totalmente indeciso*.

Os dados que permitiram identificar a evasão na UnB basearam-se nos registros acadêmicos da instituição, conforme estes definem as diversas categorias de estudantes. Nas tabelas adiante os dados são apresentados para o conjunto dos cotistas e dos não-cotistas da UnB, mas as taxas foram calculadas para *cada curso* em que os alunos estavam ou estiveram matriculados.

O grupo dos “não-evadidos” em um curso compreende os alunos que ingressaram em determinado ano (coorte de 2004 ou de 2005) e permaneceram matriculados no seu curso ou se graduaram até a data da observação, isto é, até o final do ano letivo de 2006.

No grupo da mobilidade estudantil estão três categorias de alunos: os que solicitaram transferência para outra IES, os que se desligaram voluntariamente³ e os que mudaram de curso na UnB. Os alunos que se situam numa dessas três categorias são incluídos no numerador da taxa de mobilidade estudantil. A taxa de mobilidade em um curso é a proporção de alunos de determinada coorte de ingresso, situados numa das três categorias mencionadas, computada em relação ao total dos estudantes do curso, da mesma coorte.

No grupo dos evadidos estariam duas categorias de ex-alunos: os que foram desligados da universidade porque abandonaram seu curso e os que foram desligados porque não cumpriram as condições exigidas pela UnB para a continuidade de seus estudos. Mas, entre esses antigos estudantes, há os que abandonaram por completo seus estudos na educação superior e, também, os que abandonaram o curso e se matricularam noutra IES, sem informar sua nova situação à universidade. Os registros acadêmicos da UnB não permitem diferenciar entre uma situação e outra e, portanto, nem todos podem ser considerados como efetivamente evadidos. Assim, essas duas últimas categorias de

³ O desligamento voluntário geralmente ocorre entre estudantes que passaram em novo vestibular da própria UnB, ingressando em curso diverso do que seguiam.

ex-alunos perfazem o que chamamos, no presente estudo, de “evasão aparente”, pois nesta está embutido um componente de mobilidade dentro do sistema de educação superior. A taxa de evasão aparente em um curso é o percentual de estudantes de determinada coorte de ingresso, situados numa dessas duas últimas categorias, calculado em relação ao total dos estudantes do curso, da mesma coorte.

A definição adotada para a evasão aqui chamada de aparente distingue-se portanto da mensuração do abandono empregada em muitos dos outros estudos sobre o tema, pois foi possível identificar separadamente o componente da mobilidade, ainda que de modo incompleto. Na literatura, conforme já se discutiu, a mobilidade estudantil está embutida nas taxas de evasão geralmente apuradas; assim, no presente estudo a soma da taxa de mobilidade com a taxa de evasão aparente foi denominada evasão total, buscando aproximar esta última das que são habitualmente divulgadas.

A evasão dos estudantes cotistas e não-cotistas na UnB

Nessa seção discutimos os resultados do estudo. Inicialmente tratamos da evolução dos índices de abandono para o conjunto do alunado, por sistema de ingresso (reserva de vagas ou universal) e por coorte de início dos estudos na universidade. Em seguida abordamos as taxas de evasão conforme o rendimento no curso, sistema e coorte de ingresso. Logo depois comparamos as taxas entre as licenciaturas e os bacharelados. Na parte final dessa seção analisamos o abandono por situação de trabalho e conforme o grau de certeza quanto ao curso escolhido.

A evolução dos índices e as cotas

Os índices de abandono não costumam se manter constantes ao longo da vida acadêmica, geralmente tendo seu ápice em torno de dois anos após iniciados os estudos na educação superior, conforme revelou levantamento conduzido por Kira (1998), abrangendo diversas pesquisas empíricas realizadas no país. Na UnB, uma pesquisa sobre as desistências no curso de Química encontrou padrão semelhante (Cunha, Tunes e Silva, 2001), pois as maiores taxas de evasão foram registradas entre estudantes que haviam iniciado sua graduação há quase dois anos.

Em nosso estudo, os dados para o conjunto da UnB também evidenciaram um crescimento considerável dos índices de evasão à medida que aumentava o tempo transcorrido desde o ingresso na universidade. Na coorte de 2004, quando o período de observação se restringiu a apenas um ano e meio, a taxa de evasão aparente dos cotistas

foi de 4,5%; quando o período de observação foi ampliado para dois anos e meio, a taxa saltou para 10,4%, mais que dobrando (tabela 1). Entre estudantes que entraram pelo sistema universal (não-cotistas), quando se ampliou o prazo de observação, o aumento da evasão também foi considerável. Efetivamente, o tempo transcorrido desde o início dos estudos têm notáveis efeitos sobre os índices de abandono, pelo menos até cerca de dois anos após o ingresso num curso superior.

Tabela 1 – Taxas de evasão de alunos por coorte e período de tempo decorrido desde o ingresso (%), UnB 2004-2005

Tipos de evasão	Ingresso em 2/2004 (1,5 anos)		Ingresso em 2/2004 (2,5 anos)		Ingresso em 2/2005 (1,5 anos)	
	Universal	Cotistas	Universal	Cotistas	Universal	Cotistas
	(n=157)	(n=30)	(n=275)	(n=59)	(n=243)	(n=40)
Evasão aparente	6,5	4,5	11,8	10,4	10,7	5,8
Mobilidade	3,5	3,5	5,7	5,3	5,4	3,9
Evasão total	10,0	8,0	17,5	15,7	16,1	9,7

Fonte: Cespe/UnB e SAA/UnB.

As taxas de mobilidade estudantil são idênticas entre cotistas e não-cotistas na coorte de 2004, com o prazo de observação de um ano e meio. Ampliado esse prazo, mantêm-se quase que idênticas. Na coorte de 2005 já existe alguma diferença substantiva entre elas – cotistas permanecem mais em seus cursos originais que seus colegas não-cotistas. De todo modo, como o objetivo do estudo é analisar índices de abandono aparente, tanto quanto possível destilados do componente da mobilidade, em virtude de limitações de espaço deixamos ao leitor as interpretações quanto às taxas de mobilidade estudantil.

Antes de continuar com a análise dos índices de evasão aparente convém fazer uma breve digressão quanto aos prazos de observação. Nossos dados referem-se a duas coortes de alunos que ingressaram na universidade em épocas distintas, 2004 e 2005; para ambas as coortes as informações disponíveis cobrem o período que vai desde o ano de ingresso até o ano de 2006. Tem-se assim resultados referentes a dois prazos de observação para a coorte de 2004 e relativos a um único prazo para a coorte de 2005, já que se desejava lidar com dados que se aproximassem ou superassem o período de tempo em que a evasão costuma alcançar seu ápice. Informações estritamente comparáveis para a análise da evolução dos índices de evasão nas duas coortes seriam, naturalmente, as que se referissem a um mesmo prazo transcorrido desde o ingresso na UnB, ou seja, o de um ano e meio. No entanto, o prazo que nos fornece melhores

informações sobre a evasão é justamente o de dois anos e meio. Assim, nas tabelas seguintes decidimos utilizar períodos não-comparáveis, mas em contrapartida um deles – o mais longo – abrange um prazo de observação plenamente adequado. Nesse sentido, nas outras tabelas do presente trabalho os resultados apresentados para a coorte de 2004 se referirão ao prazo de observação mais longo e, para a de 2005, ao período de um ano e meio.

Por ora, no entanto, para comparar índices de abandono entre cotistas e não-cotistas convém considerar um mesmo prazo de observação, de um ano e meio (tabela 1). No grupo de alunos que ingressou em 2004 a taxa de evasão aparente entre não-cotistas, de 6,5%, é apenas dois pontos percentuais maior que a taxa de 4,5%, entre cotistas. Apesar da pequena diferença em pontos percentuais, a razão entre a maior e a menor é de 1,4, ou seja, a maior é quase uma vez e meia a menor. Na coorte de 2005 essa diferença cresce muito. A taxa de evasão aparente entre estudantes que entraram pelo vestibular tradicional, de 10,7%, é quase o dobro do índice de 5,8%, registrado entre alunos da reserva de vagas.

Resultados algo semelhantes aos nossos foram obtidos para a coorte que ingressou em 2003 na Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF. Nessa instituição, dois anos letivos depois do início do curso, a taxa de evasão para alunos não-cotistas foi de 18,8%, cerca de 1/3 maior que a de 14,3% para cotistas negros (Brandão e Matta, 2007).⁴ Considerando que nas taxas da UENF está embutida a mobilidade estudantil, segundo sugere a descrição do cálculo da evasão feita pelos autores, os valores para aquela instituição seriam comparáveis aos da evasão total da UnB na coorte de 2004, com dois anos e meio de observação. Esses índices de evasão total, que na UnB foram de 17,5% para não-cotistas e de 15,7% para cotistas, estão bastante próximos dos informados para a UENF.

Esses dados contradizem o que prediziam algumas das críticas às cotas, no sentido de que estas iriam aviltar o padrão acadêmico da educação superior pública no país. A menor taxa de evasão dos cotistas talvez possa ser explicada por certos efeitos da reserva de vagas sobre muitos negros que, sem as cotas, não teriam acesso à universidade.

⁴ As taxas para os cotistas negros da rede pública e para os cotistas da rede pública da UENF são mais elevadas que a acima referida. Escolhemos a taxa para o segmento mais semelhante ao dos cotistas negros da UnB.

Num dos estudos sobre as cotas na UnB constatou-se que as diferenças de rendimento acadêmico entre cotistas e não-cotistas, nos cursos que ambos freqüentavam, geralmente eram pequenas ou nulas, apesar do inferior desempenho dos cotistas no vestibular. A hipótese aventada para as referidas pequenas ou nulas diferenças de rendimento foi a de que os cotistas valorizariam mais acesso à educação superior, comparativamente a seus outros colegas e, por via de conseqüência, se empenhariam com mais vigor em seus estudos na UnB (Velloso, 2007). Noutro estudo mais recente, também na UnB, verificou-se -se que jovens cotistas negras, para quem a freqüência a um curso superior não era imaginada em seus horizontes educacionais até a implantação do sistema de reserva de vagas, tiveram sua auto-estima aumentada pelo ingresso na UnB (Holanda, 2008). Como a auto-estima é um importante condicionante do rendimento nos estudos, essas informações corroboraram a hipótese antes formulada, ampliando-a e contribuindo para entender porque muitos negros, que precisam da reserva de vagas para ingressar na universidade, têm rendimento no curso semelhante ao de seus colegas do sistema universal.

Outra informação relevante da tabela 1 diz respeito ao comportamento das taxas de evasão aparente dos estudantes que ingressaram pelo sistema universal, na coorte mais antiga, a de 2004, e na mais recente, a de 2005, considerando um mesmo prazo de observação, de um ano e meio. A taxa sofreu um aumento extraordinário entre uma e outra coorte, passando de 6,5% para 10,7%. Se essa tendência tiver prevalecido em coortes que ingressaram mais recentemente, os índices de abandono dos não-cotistas terão, nos últimos anos, alcançado níveis bem elevados que os de 2005, atingindo patamares preocupantes.

Evasão e rendimento no curso

As pesquisas sobre o abandono dos estudos na educação básica têm sistematicamente evidenciado que os índices de evasão são mais elevados entre crianças e jovens de estratos sociais inferiores e de menor rendimento escolar. Na América Latina como um todo, as condições socioeconômicas das famílias, o trabalho infantil e o baixo rendimento escolar que delas decorre arrancam os alunos da escola: na região, 50% das crianças desertam antes de completar a educação básica (Ávila, 2007). No Brasil, em 2000, segundo informa o mesmo autor com base em dados de Kliksberg (2002, *apud* Ávila, *cit.*), 54% dos jovens de 20 anos de idade que pertencem ao quartil superior de renda familiar haviam completado o ensino médio, ao passo que essa

proporção era de apenas 8% no quartil inferior de renda – a deserção escolar teria desempenhado um importante papel na enorme diferença entre essas proporções.

Se o cenário da educação básica fosse aplicável à educação superior, seria de esperar que as taxas de abandono dos estudos estivessem associadas às condições socioeconômicas do aluno e a seu rendimento. Nessa hipótese, os índices de evasão seriam maiores entre cotistas que entre não-cotistas, pois estudos anteriores na UnB sugeriram que alunos de menor extração social estão mais presentes entre os que ingressaram pela reserva de vagas que entre os aprovados no sistema universal (Velloso, *cit.*); ademais, características como a idade de ingresso na universidade, mais tardia ou mais jovem, estão associadas ao nível social familiar e novamente distinguem cotistas de não-cotistas (Cardoso, 2008).

Entretanto, alguns estudos sobre evasão na educação superior têm indicado que o nível social ou a competência acadêmica influenciariam pouco nas chances de abandono. Nestes, os principais motivos elencados para o abandono incluem falta de identidade com o curso, escolha equivocada da carreira e desencanto com a universidade (Carvalho *et. al.*, 1984; Moreira, 1988). Um exemplo eloqüente desse outro lado da moeda, o dos motivos da evasão universitária em contraste com os da deserção na educação básica, foi registrado numa investigação conduzida no curso de Química da UnB, antes referida. Sintetizando os motivos e o contexto que culminam no abandono, os autores lançaram mão das palavras de um ex-aluno, desencantado, para quem sua saída do curso tinha “a conotação de um protesto, mais que a de um fracasso” (Cunha, Tunes e Silva, *cit.*, p.279).

Em linha de pensamento algo similar, porém com algumas importantes nuances, Silva Filho *et al.* (*cit.*) descartam a falta de recursos financeiros (que está associada ao nível social familiar) como uma das principais motivações para o abandono, destacando, entre outras, questões de ordem acadêmica e expectativas do aluno em relação ao curso. Em seus termos, para os evadidos, os benefícios advindos da conclusão do curso não compensariam os esforços para tanto despendidos.

Questões de ordem acadêmica teriam influência no abandono, como propõem Silva Filho *et al.* (*cit.*), ou pouco importariam, como sugerem outros estudos? Comparemos a evasão de estudantes de alto e baixo rendimento em seus respectivos cursos, no passo indicado na seção anterior, isto é, considerando a coorte de 2004 com um período de observação de dois anos e meio e, a de 2005, com um prazo de um ano e meio.

Há uma enorme diferença entre as taxas de evasão aparente por rendimento no curso, conforme indica a tabela 2. Para o conjunto dos alunos que ingressaram na UnB em 2004, entre estudantes com notas mais altas o índice mal alcança 2%, ascendendo a 21% entre aqueles com piores notas, uma ordem de grandeza dez vezes maior. Tal como ocorre na educação básica, o abandono na UnB depende muito do rendimento na universidade, e isso se aplica tanto a cotistas como a não-cotistas. Esses dados, apesar da eloqüente transcrição de fala de estudante evadido na pesquisa de Cunha, Tunes e Silva (*cit.*) no curso de Química da UnB, também se coadunam com outros resultados do mesmo estudo, nos quais o rendimento no curso influi sobre o abandono.

Tabela 2 – Alunos evadidos e não-evadidos por rendimento no curso (%), UnB 2004

Alunos	Rendimento no curso	Evasão aparente	Mobilidade	Evasão total	Não-evadidos	Total
Não-cotista	Alto rendimento	2,1	4,0	6,1	93,9	100,0
	Baixo rendimento	22,4	7,6	30,0	70,0	100,0
	Total de alunos	11,8	5,7	17,5	82,5	100,0
Cotista	Alto rendimento	0,7	2,0	2,7	97,3	100,0
	Baixo rendimento	16,7	7,5	24,2	75,8	100,0
	Total de alunos	10,4	5,3	15,7	84,3	100,0
UnB	Alto rendimento	1,9	3,7	5,6	94,4	100,0
	Baixo rendimento	21,1	7,6	28,7	71,3	100,0
	Total de alunos	11,5	5,7	17,2	82,8	100,0

Fonte: Cespe/UnB e SAA/UnB.

Na UnB, como em muitas outras IES, a conexão entre rendimento e evasão é em parte automática, pois um dos componentes de saída do aluno é seu desligamento em virtude de não cumprir condições para continuar na instituição – como seguir um número mínimo de disciplinas por semestre, com adequado aproveitamento. Logo, os resultados obtidos estão longe de ser inusitados.

Na comparação entre cotistas e não-cotistas, o importante a destacar é que a evasão aparente é nitidamente distinta entre os cotistas e não-cotistas que tiveram dificuldades acadêmicas em acompanhar o curso (tabela 2). Entre alunos de baixo rendimento da coorte de 2004, a evasão aparente de cotistas é de 16,7%, enquanto a taxa entre não-cotistas é bem mais elevada, de 22,4%. Esses dados, além de contrariar previsões negativas – para alguns, catastróficas – quanto à permanência de estudantes da reserva de vagas na universidade, como prognosticavam críticas das cotas, ainda uma vez sugerem o apego de cotistas ao lugar conquistado num curso de nível superior. A valorização da matrícula numa universidade, especialmente em instituição de prestígio

como a UnB, parece ser motivadora da continuidade dos estudos, mesmo entre os que tiveram rendimento menor.

Mas a relação entre evasão e rendimento na coorte de 2004 torna-se pálida quando comparada à da coorte que ingressou em 2005 (tabela 3). Na UnB como um todo, a taxa de evasão aparente dos estudantes de baixo rendimento (18,8%) é quase 40 vezes a dos estudantes de alto rendimento (0,5%).

Tabela 3 – Alunos evadidos e não-evadidos por rendimento no curso (%), UnB 2005

Alunos	Rendimento no curso	Evasão aparente	Mobilidade	Evasão total	Não-evadidos	Total
Não-cotista	Alto rendimento	0,7	3,3	4,0	96,0	100,0
	Baixo rendimento	20,9	7,5	28,4	71,6	100,0
	Total alunos	10,7	5,3	16,0	84,0	100,0
Cotista	Alto rendimento	0,0	3,0	3,0	97,0	100,0
	Baixo rendimento	11,3	4,7	16,0	84,0	100,0
	Total alunos	5,8	3,9	9,7	90,3	100,0
UnB	Alto rendimento	0,5	3,2	3,7	96,3	100,0
	Baixo rendimento	18,8	6,9	25,7	74,3	100,0
	Total alunos	9,7	5,0	14,7	85,3	100,0

Fonte: Cespe/UnB e SAA/UnB.

Nenhum cotista de alto rendimento se evadiu e apenas 11% dos cotistas com baixo aproveitamento abandonou o curso. Já entre não-cotistas o índice de abandono é muito maior, quase o dobro, alcançando 21%. Na coorte de 2005, a hipótese de valorização do acesso a um curso superior por parte dos cotistas parece configurar-se com nitidez maior ainda que na coorte do ano anterior.

O abandono nas licenciaturas e nos bacharelados

A diplomação numa licenciatura não costuma conduzir a carreira socialmente valorizada. Por conta disso, como anota Gatti (1997, *apud* Mazzeto e Carneiro, 2002), nas licenciaturas geralmente a evasão é mais alta que em bacharelados, pois aqueles cursos geralmente estão associados a péssimas perspectivas de carreira – como baixos salários e valorização social.

Os resultados da pesquisa estão em consonância com essa interpretação (tabela 4). No conjunto dos alunos da UnB, as taxas de evasão aparente nas licenciaturas são bem maiores que nos bacharelados. Naquelas giram em torno 16%, conforme a coorte considerada, ao passo que nos bacharelados situam-se em torno de somente 9%.

O esforço exigido para a conclusão de uma licenciatura, em curso socialmente menos valorizado, traria a seus alunos benefícios financeiros e sociais menores que os de um bacharelado. Mas o esforço que um aluno faria para concluir as exigências de uma licenciatura seria semelhante ao despendido em outro curso, mais valorizado, um bacharelado. Esse diferencial de estímulos, desfavorável à formação nas licenciaturas, tem óbvias e negativas implicações para a oferta de profissionais qualificados para atuar na educação básica e, portanto, para formação de cidadãos.

Tabela 4 – Taxas de evasão aparente e tipos de curso, licenciaturas ou bacharelados, por condição de ingresso (%), UnB 2004 e 2005

Alunos	Cursos	Evasão aparente	
		Coorte 2004	Coorte 2005
Não-cotista	Bacharelado	10,0	8,9
	Licenciatura	18,4	17,9
Cotista	Bacharelado	10,1	5,3
	Licenciatura	11,3	7,6
UnB	Bacharelado	10,0	8,1
	Licenciatura	17,0	15,6

Fonte: Cespe/UnB e SAA/UnB.

Os diferenciais de estímulo à carreira docente parecem se refletir nas taxas de evasão, afetando de modo diverso cotistas e não-cotistas, nas licenciaturas e nos bacharelados. Entre cotistas, a valorização social do curso parece pouco importar. Na coorte de 2004 ou na de 2005, as taxas de abandono nas licenciaturas e nos bacharelados são próximas, bem parecidas. Já entre alunos do sistema universal as taxas de evasão aparente são bem distintas. Tanto na coorte de 2004 quanto na coorte de 2005, o abandono é muito maior nas licenciaturas que nos bacharelados. Por quê?

Esses dados espelhariam diferentes expectativas quanto às chances de ingresso na universidade e quanto às perspectivas profissionais futuras, decorrentes de uma auto-seleção, como a tratada por Queiroz (2004) em seu estudo sobre alunos negros e brancos na Universidade Federal da Bahia. Entre cotistas da UnB, mais comedidos quanto às suas expectativas em virtude de sua origem social, as taxas de evasão nas licenciaturas não são muito diferentes das registradas nos bacharelados, provavelmente porque estariam mais acomodados ao que as carreiras escolhidas lhes prometiam. Já entre não-cotistas da UnB, mais ambiciosos em virtude de sua extração social, os índices de abandono são bem maiores nas licenciaturas que nos bacharelados, porque provavelmente muitos se deram conta, durante o curso, dos menores benefícios sociais e econômicos que aguardariam os licenciados.

Condição de trabalho e certeza quanto ao curso escolhido

A situação de trabalho dos cotistas foi identificada por ocasião da inscrição no vestibular. É plausível supor que a condição de trabalho de um candidato cotista não se altere substantivamente depois que ele inicia seus estudos universitários. De fato, a situação enquanto candidato tem nítida associação com os índices de evasão na coorte de 2004 (tabela 5). O trabalho subtrai tempo do estudo, contribuindo para fazer cair o rendimento, que afeta a evasão. Entre cotistas que não trabalhavam, o índice de evasão aparente é de apenas 5%, ao passo que entre os que tinham emprego fixo a taxa é mais que o triplo desse valor (17%). Esses dados revelam uma forte associação entre a situação de trabalho do aluno cotista e o abandono aparente dos estudos. Na coorte de 2005, a intensidade da relação entre trabalho e evasão de cotistas é ainda maior.

Tabela 5 – Situação de trabalho na época do vestibular e evasão de alunos cotistas (%), UnB 2004 e 2005

Trabalhava quando se inscreveu?	Evasão aparente	
	Coorte 2004	Coorte 2005
Não	5,0	3,7
Sim, fixo	17,1	16,3
Sim, eventual	23,1	10,6

Fonte: Cespe/UnB e SAA/UnB.

Na coorte de 2004, há apenas um dado que à primeira vista poderia contrariar tal associação. Trata-se do índice de evasão aparente entre cotistas que tinham trabalho eventual quando se inscreveram no vestibular, maior que o dos que tinham trabalho fixo. É bem provável que muitos dos candidatos cotistas com trabalho eventual quando se inscreveram no vestibular estivessem, naquela época, buscando inserção laboral mais estável. Como as oportunidades de emprego costumam diferenciar entre quem apenas concluiu o ensino médio e quem já é estudante universitário – particularmente numa instituição de reconhecido prestígio como a UnB – é bem provável que muitos dos candidatos que tinham trabalho eventual na inscrição mais tarde tenham obtido trabalho fixo. Essa hipótese quanto à evolução da situação de trabalho da coorte de 2004 certamente não dá conta de toda a explicação, que requer dados adicionais aos que

foram coligidos para o presente estudo. Todavia permite que se adote, ainda que com alguma reserva, a noção de que alunos cotistas com inserção estável no mundo do trabalho tenham maiores probabilidades de abandonarem seus estudos na universidade.

Desde há tempos discute-se na literatura qual seria a época apropriada para a escolha de uma carreira de nível superior. O ciclo básico que estava presente na concepção original da UnB do início dos anos 60 tinha em conta exatamente os termos dessa discussão. Postergava a escolha de uma carreira para anos posteriores à entrada na universidade, enquanto no restante do país a escolha era feita logo na inscrição para o vestibular. Recentemente a concepção do ciclo básico foi retomada numa proposta de organização universitária que se denominou “universidade nova” (Almeida Filho, 2007).

Nessa proposta, a escolha da carreira se daria algum tempo após a entrada na universidade, permitindo uma opção mais madura e acertada. Nossos dados dão apoio à proposta da “universidade nova” quanto à época de escolha do curso, no que diz respeito a candidatos cotistas.

Entre estes, há uma forte relação entre as taxas de evasão e as incertezas quanto ao curso escolhido, nas duas coortes analisadas (tabela 6). Em 2004, o índice de abandono entre estudantes cotistas que sabiam muito bem de sua escolha (11%) quando se inscreveram é menos da metade dos que estavam totalmente indecisos quanto ao curso em que ingressariam (24%). Na coorte de 2005 o padrão é semelhante. Candidatos cotistas mais seguros quanto ao curso pelo qual optaram têm taxas de abandono inferiores às dos que pouco sabiam das suas opções de carreira.

Tabela 6 – Grau de decisão quanto à escolha do curso e evasão de alunos cotistas (%), UnB 2004 e 2005

Grau de decisão quanto à escolha do curso	Evasão aparente	
	Coorte 2004	Coorte 2005
Absolutamente decidido	10,5	6,1
Com alguma dúvida	4,2	7,2
Totalmente indeciso	23,5	12,5

Fonte: Cespe/UnB e SAA/UnB.

O grau de indecisão quanto à carreira escolhida naturalmente se relacionaria à futura satisfação com o curso, depois da entrada na universidade. Considerando resultados evidenciados em pesquisas anteriores, nossos dados convergem com os de

outras pesquisas sobre a evasão, sugerindo, mediatamente, que índices de abandono estariam associados à satisfação com o curso seguido.

Nota final

Os resultados obtidos são coerentes com dados de estudos anteriores, na medida em que indicam taxas de evasão menores entre estudantes da UnB que estão há menos tempo na universidade. De outra parte os dados surpreenderam, pois alunos cotistas da instituição se evadem menos que não-cotistas, contrariando previsões dos críticos da reserva de vagas. Esses dados são auspiciosos e provavelmente refletem um maior empenho nos estudos por parte dos que ingressaram pela reserva de vagas. Embora programas para apoio a alunos com deficiências acadêmicas continuem sendo indispensáveis, seus destinatários preferenciais não seriam necessariamente os negros que ingressaram pelas cotas na universidade.

O rendimento no curso revelou-se um importante condicionante dos índices de abandono, tal qual ocorre na educação básica e em contraste com alguns resultados de estudos anteriores. Constatamos que, de fato, alunos com baixo rendimento tendem a se evadir em proporções bem maiores que alunos com rendimento elevado, e que cotistas com pior aproveitamento se evadem menos que não-cotistas.

Constatamos também que no conjunto do alunado da UnB as licenciaturas têm maiores taxas de evasão que os bacharelados, em consonância com resultados de estudos anteriores. Essas diferenças são tênues, quase inexistentes entre cotistas, porém muito marcadas entre não-cotistas. Os maiores índices de abandono entre estudantes que ingressaram pelo sistema universal na UnB, e que correspondem à maioria do alunado, implica em déficits crescentes de professores com adequada formação para lecionar na educação básica no Distrito Federal. O problema porém não se restringe a essa unidade federada, requerendo medidas de âmbito nacional, entre as quais sobressai a remuneração condigna para o magistério, tornando a carreira mais competitiva.

Entre cotistas, dois outros fatores estão associados ao abandono do curso: a situação de trabalho do estudante quando se inscreveu no vestibular – uma aproximação para sua inserção laboral durante o curso – e o nível de sua incerteza quanto à carreira escolhida. Estudantes trabalhadores têm índice de evasão nitidamente mais elevado, o mesmo ocorrendo entre jovens que estavam muito indecisos quanto ao curso escolhido, por ocasião do vestibular.

A alteração das condições sociais e econômicas que conduzem à necessidade de cotistas trabalharem enquanto estudantes não se situa, predominantemente, no âmbito das políticas para a educação superior, dependendo de políticas econômicas e sociais voltadas para o conjunto da nação, em especial para os negros e para as camadas menos favorecidas. Já a escolha da carreira por parte de egressos do ensino médio, frequentemente ainda imaturos para tanto, depende da discussão e de futura adoção de novas concepções de universidade, nas quais as opções profissionais possam ser feitas em época oportuna, para além dos constrangimentos que os atuais modelos de vestibular e de estudos universitários impõem à juventude.

Referências bibliográficas

ALMEIDA FILHO, N. *Protopia: sete notas sobre a Universidade Nova*. Brasília: Sesu/MEC, março, 2007. 27p. (mimeo.).

ÁVILA, A.S. Trabajo infantil y inasistencia escolar. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 68-80, jan./abr. 2007.

BRANDÃO, A.A.; MATTA, L.G. Avaliação da reserva de vagas na Universidade Estadual do Norte Fluminense: estudo dos alunos que ingressaram em 2003. In: BRANDÃO, A.A. (Org.), *Cotas Raciais no Brasil: a primeira avaliação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2007. p. 47-80.

CARDOSO, C.B. *Efeitos da política de cotas na Universidade de Brasília: uma análise do rendimento e da evasão*. 2008. 132p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, Brasília.

CARVALHO, I.M. *et. al. Estudo do fenômeno da evasão da Universidade da Bahia*. Convênio INEP/UFBA, n. 45/84.

CARVALHO, J.J. *Inclusão étnica e racial no Brasil: a questão das cotas no ensino superior*. São Paulo: Attar Editorial, 2005.

CUNHA, E.M. *Vestibular com cotas para negros e vestibular universal: um estudo socioeconômico e de desempenho na Universidade de Brasília*. 2006. 98p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, Brasília.

CUNHA, A.M.; TUNES, E.; SILVA, R.R. Evasão do curso de química da Universidade de Brasília: a interpretação do aluno evadido. *Química Nova*, São Paulo, v. 24, n.2, p. 262-280, abr. 2001.

GATTI, B.A. *Formação de Professores e Carreira: Problemas e Movimentos de Renovação*. Campinas: Autores Associados, 1997.

KIRA, L.F. *A evasão no ensino superior: o caso do curso de pedagogia na Universidade Estadual de Maringá, 1992-1996*. 1998. 135p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba.

KLIKSBERG, B. *Hacia una economía con rostro humano*. 2. ed., 1. reimp. Buenos Aires: FCE, 2002.

HOLANDA, M.G. *Trajetórias de vida de jovens cotistas da UnB no contexto das ações afirmativas*. 2008. 161p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, Brasília.

MAZZETO, S.E.; CARNEIRO, C.C. Licenciatura em Química da UFC: perfil sócio-econômico, evasão e desempenho. *Química Nova*, São Paulo, v. 25, n. 6B, p. 1204-1210, nov./dez. 2002.

MOREIRA, M.J. *A evasão escolar no curso de Biblioteconomia: o caso da Universidade do Rio de Janeiro (UNI-RIO)*. 1988. 189p. Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MOURA, D.M. Plano de metas para a integração social, étnica e racial na UnB – relato da comissão de implementação. In: BERNARDINO, J.; GALDINO, D. (Orgs.). *Levando a raça a sério: ação afirmativa e universidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 217-228.

PAREDES, A.S. *A evasão do terceiro grau em Curitiba*. São Paulo: NUPES/USP. Documento de trabalho n. 6/1994. 23p.

QUEIROZ, D.M. *Universidade e desigualdade: brancos e negros no ensino superior*. Brasília: Líber Livro, 2004.

RISTOFF, D.I. Considerações sobre evasão. In: RISTOFF, D.I. *Universidade em foco: reflexões sobre a educação superior*. Florianópolis: Insular, 1999. p. 119-129.

SILVA FILHO, R.L. *et al.* A evasão no ensino superior brasileiro. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132 p. 641-689, set./dez. 2007.

VELLOSO, J.R. *Perfil social, desempenho e chances em vestibulares com cotas: uma comparação na UnB*. Brasília: NESUB e Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, 2007. 54p. (mimeo.).